

A Alquimia do Excesso

Donald Judd disse há décadas que o principal obstáculo representado pela pintura era o facto de ser um rectângulo colocado contra a parede. E *Frank Stella*, apressadamente, comentou que a pintura estava esgotada. Enganaram-se. São dois artistas que não me dizem nada e as suas opiniões, para mim, valem o que valem. *Rudi Fuchs*, responsável da *Documenta VII* marcou um ponto de retorno ao certificar a quebra da noção tradicional que tinha vertebrado até então o edifício da modernidade de vanguarda. Foi buscar a *Rimbaud* a imagem do “barco ébrio” como metáfora do novo estado de coisas. E ainda hoje, essa analogia certa e insondável continua válida para o que arte enfrenta actualmente. Uma boa parte da criação das últimas décadas sofria de um considerável fastio de conteúdos. As obras perderam rapidamente a capacidade de atrair os olhares, convertendo-se quase numa emoção instantânea, tão efémera como a moda. O conceptual sucedeu ao pop, surgindo depois a vacuidade e a fraude endémica das instalações. Suportado por teorias entediantes até limites inimagináveis que defendiam algo pretensamente *radical*. Uma palavra que recobre todas imposturas. Agora veio à tona aquela onda tão pecaminosa do prazer da pintura. E da sua mitologia. Seja sensual, cromática, narrativa ou gestual. O crítico de arte americano *Jerry Saltz* declarou num artigo o seu amor à pintura após o anúncio do pós-modernismo ter declarado a sua morte. Ganhou o *Pulitzer Prize* de 2018 por ter o “tesão do essencial” como sublinhou o escritor *Dave Hickey* na revista *Art in America*.

Manuel Vieira, o temperamento do artista e a temperatura de uma obra impregnada de uma densidade de recursos visuais enigmáticos. A sua pintura conta histórias, desenvolve sensações, encena uma espécie de jogos lúdicos que causam estranheza mas ao mesmo tempo são reconhecíveis como se fossem um simulacro do clássico. Produz ficções pictóricas desconcertantes. A sua obra não é amável. Nada disso. Supõe instabilidade como expressão de um drama, inquietude e desassossego com o tempero do humor associado. Há um abismo que rompe o equilíbrio aparente das composições antiacadémicas, o que se converte em riqueza semântica. É como ingressar num mundo governado pela fantasia e onde cada detalhe está carregado de intenção. *Oscar Wilde* afirmou: “No momento em que se consegue decifrar uma obra de arte, ela está morta”. As boas pinturas são discursivamente abertas à especulação.

Cabe ao espectador tentar desentranhar a teia de mistério urdido na tela. A pintura de *Manuel Vieira* remete para um universo surrealista, aparentemente caótico mas que possui a sua lógica. Com as suas prodigiosas visões pinta desde há anos com total desenvoltura. Ao recuperar o ornamento sem preconceitos, criou um território próprio, desafiando as correntes em voga. Transmite algo de simples e

directo, engendrando sequências de uma narrativa cósmica. Oferece-nos um vislumbre do seu mundo onírico. Renunciou à visão realista das coisas, prefere a linguagem da imaginação onde surgem árvores esquisitas e criaturas que não sabemos a que genealogias pertencem. “O surrealismo é o que será”, afirmou *André Breton*, o papa do movimento inspirado nos sonhos. Há quem pense que o importante na vida não é o que sucede, mas o que pensamos que sucede.

Convocando a liturgia do excesso, o artista produz modulações plásticas no espaço pictórico que ganham uma dimensão simbólica. Há no conjunto das suas composições uma ideia barroca que contrasta com as imagens de traço simplista a lembrar vagamente a linguagem de alguma banda desenhada, uma das primeiras paixões do artista. Mais tarde esbarrou com a pintura e nela se acantonou, explorando os seus códigos expressivos, ditados por uma subjectividade muito particular. Reconhecíveis de imediato. Não se trata de realismo mágico. As figuras e as paisagens só existem quando as imagina. Encara a pintura “como uma terapia”, embora goste de fazer outras coisas. Envolve-se em múltiplas actividades e encarna diferentes personagens, dando asas ao seu sentido teatral. *Manuel João Vieira*, (acrescento o *João*) como sempre o conheci, desdobra-se em muitos outros. Mas, quando tira as máscaras, é só um. Ele, o artista invulgar. E termino com mais uma citação. Com uma daquelas frases lapidares e luminosas do esotérico, anarquista, poeta e cineasta chileno *Alejandro Jodorowsky*: “Não ganham as batalhas os mais fortes, mas os mais desesperados”.

Lourdes Féria, curadora